

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	02/06/01	
Caderno	Página	
Local	4	
Seção		
Assunto	Bairro Cajazeiras	

Bucolismo é o que alegra em Cajazeiras

NOSSO BAIRRO

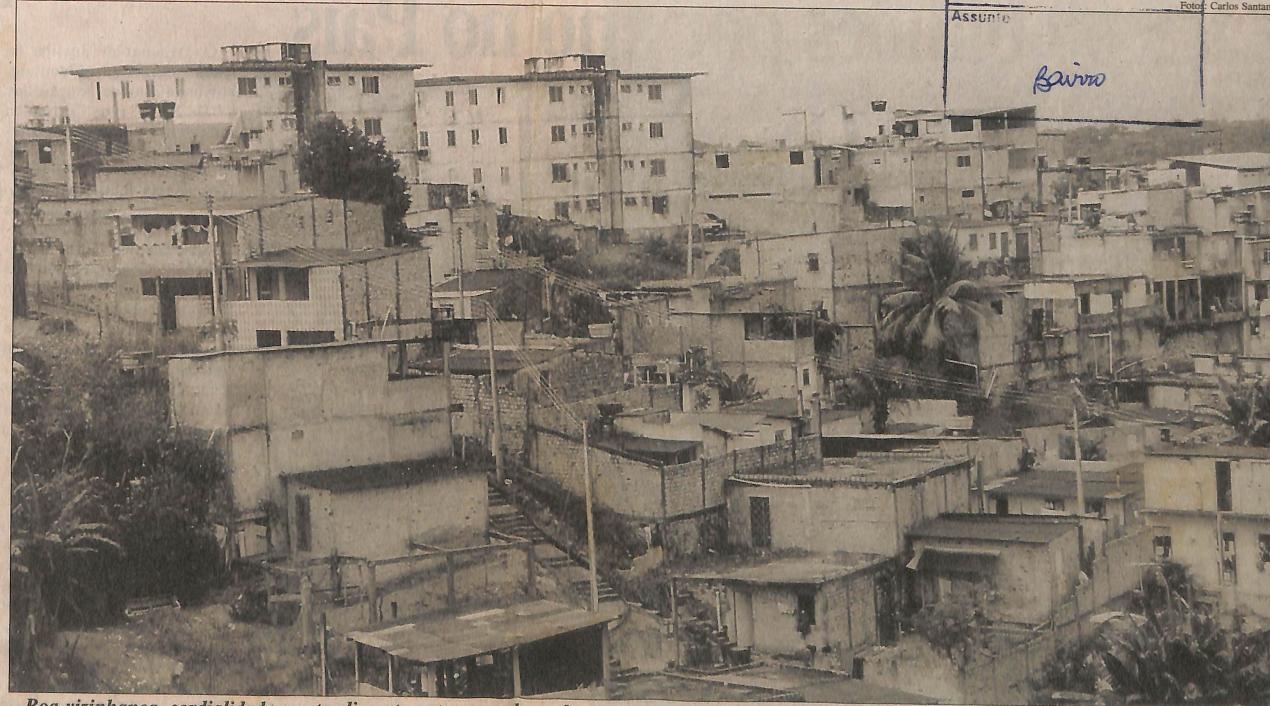


CRESCIMENTO
São mais de 500 mil habitantes em área de três antigas fazendas

NIKAS ROCHA

Apresentando a maior concentração de conjuntos habitacionais da cidade, o bairro de Cajazeiras, ao contrário do que se possa pensar, tem muita área verde, ar puro e em suas ruas pode-se andar tranquilamente, num clima bucólico de interior, ao ponto de, em algumas áreas, moradores à noite colocarem cadeiras à porta de casas e prédios para trocar os tradicionais dois dedos de prosa com os amigos. Apesar de não contar com uma boa estrutura de segurança pública, o índice de violência é baixo, levando-se em conta que são mais de 500 mil habitantes, numa região que começou a ser povoada por volta de 1977.

O clima de boa-vizinhança e cordialidade reinante, no entanto, não esconde o sentimento de insatisfação e até de revolta ante a indiferença das autoridades governamentais em relação aos problemas. O bairro cresceu desordenadamente nos últimos anos, com aumento crescente do



Boa-vizinhança, cordialidade e entendimento entre moradores foram o segredo para solucionar problemas que surgiram desde os primeiros dias

vizinhos formam quase uma irmandade, mas em termos de serviços somos muito carentes", afirma o presidente da associação dos comerciantes do bairro, Alfredo Venceslau. A entidade que conta com 1.500 associados iniciou um movimento para tentar reverter a situação, dirigindo um memorial às autoridades municipais.

então governador Roberto Santos desapropriou terras, pertencentes a fazendas que desde o século XIX cultivavam laranja, café, mandioca e cana-de-açúcar. Havia muita área verde, oriunda da Mata Atlântica, que ainda circunda a região que fica entre a Estrada Velha do Aeroporto e a BR-324. A desapropriação



CAJAZEIRAS

Data	02/06/01
Assunto	Bairro
Assunto	

Foto: Carlos Santana

"A vida aqui é tranqüila, os

Cajazeiras começou a surgir em outubro de 1977, quando o

“Estávamos ilhados e, por isso, logo prevaleceu o espírito de união para discutir e lutar por nossas necessidades”, recorda Jerônimo. Os moradores se organizaram e até realizaram um congresso do bairro no Centro de Convenções, em 1992.

Apesar de populoso, o bairro

Governo J

O projeto experimental de 1979 tomou novo impulso a partir de 1984, na gestão do governador João Durval. As construções ganharam novo ritmo sendo entregues os conjuntos Fazenda Grande 1 e 10, Cajazeiras 8, 10 e 11. Em 1985, vieram Fazenda Grande 2 e 3. E sucessivamente, em 1986 e 1987, o Cajazeiras 3, em Águas Claras; em 1990, o Fazenda Grande 4, conhecido como Boca da Mata, onde hoje vivem mais de 80 mil pessoas; os setores 4 e 5 e Cajazeiras 2, próximo ao leprosário. No início o bairro era habitado principalmente por funcionários públicos municipais e estaduais, mas hoje abriga uma população heterogênea, em parte oriunda do interior do Estado.

Apesar dos novos conjuntos e do aumento da população, não ocorreu grande mudança na oferta de serviços. Os moradores passaram alguns anos sofrendo na Estação de Transbordo EVA, mais conhecida como “campo de concentração”, lembra Alfredo Veneslau, já que, sendo toda fechada, os usuários recebiam fegas de gás carbônico despejado pelos tubos de descarga dos ônibus. A inauguração da Estação Pirajá foi um alívio para eles. Mas a situação do transporte urbano, o sistema viário e a falta de sinalização das ruas permanecem insólveis, motivando queixas.

também trouxe a Fundação Bradesco, o hospital público, o supermercado e o programa "Indústria no Bairro", que permitiu aos moradores se associarem para realizar trabalhos de marcenaria, serralheria e confecção e indústria. Como se instalou de forma desordenada, o comércio ainda ocupa terras não-legalizadas. Os comerciantes querem uma solução negociada com o governo estadual, já que a Conder absorveu a extinta Urbis, a construtora dos conjuntos.

Mas Cajazeiras não pára de crescer. Vários conjuntos continuam sendo construídos e vendidos, financiados pela Caixa

Econômica Federal, estarão sendo entregues neste mês. Os padrões de habitação melhoraram, mas também a mensalidade dos mutuários aumentou para R\$ 180. Na Boca da Mata, área que fica próxima a um resíduo de Mata Atlântica, são mais 40 prédios novos. Este crescimento, no entanto, não animou muito a presidente do conselho de moradores desse bairro, Madalena Rodrigues. "Constroem em novos conjuntos, mas aqui sofremos com a carência de posto médico, escola pública, farmácia e opções para comprar comida mais barata", argumenta.

Editoria de Arte/A TARDE

desapropriação foi iniciado em 1975, por meio de decreto estadual. Ao todo foram desapropriados um total de 16 milhões de m², absorvendo áreas na BR-324, na altura do Makro, até o Km 5,5 da Estrada Velha do Aeroporto, limitando-se com os bairros de Castelo Branco e Nova Brasília e atravessando o Golf Clube, mas nem toda área desapropriada foi ocupada.

O projeto experimental de 1979 tomou novo impulso a partir de 1984, na gestão do governador João Durval. As construções ganharam novo ritmo sendo entregues os conjuntos Fazenda Grande 1 e 10, Cajazeiras 8, 10 e 11. Em 1985, vieram Fazenda Grande 2 e 3. E sucessivamente, em 1986 e 1987, o Cajazeiras 3, as Águas Claras; em 1990, o Fazenda Grande 4, conhecido como Boca da Mata, onde hoje vivem mais de 80 mil pessoas; os setores 4 e 5

também trouxe a Fundação Bradesco, o hospital público, o supermercado e o programa "Indústria no Bairro", que permitiu aos moradores se associarem para realizar trabalhos de marcenaria, serralheria e confecção de indústria. Como se instalou de forma desordenada, o comércio ainda ocupa terras não-legalizadas. Os comerciantes querem uma solução negociada com o governo estadual, já que a Conder absorveu a extinta Urbis, a construtora dos conjuntos.

Econômica Federal, estarão sendo entregues neste mês. Os padrões de habitação melhoraram, mas também a mensalidade dos mutuários aumentou para R\$ 180. Na Boca da Mata, área que fica próxima a um resíduo de Mata Atlântica, são mais 40 prédios novos. Este crescimento, no entanto, não anima muito a presidente do conselho de moradores desse bairro, Madalena Rodrigues. "Constroem em novos conjuntos, mas aqui

